

Liane Schneider

Universidade Federal da Paraíba

Susana Bornéo Funck

Universidade Federal de Santa Catarina

## Palavra e imagem: representações ideológicas

Copyright © 2013 by Revista  
Estudos Feministas.

Dar visibilidade a relações de gênero não hegemônicas ou expor os arranjos hierárquicos cristalizados pela tradição, preocupações centrais da crítica cultural feminista, compõem uma agenda que se mantém como fundamental no recorte contemporâneo dos feminismos. Especialmente nas artes visuais, na literatura e na mídia, a questão da representação torna-se crucial, se considerarmos que esses discursos disseminam padrões que, mesmo historicamente construídos, não mais servem aos propósitos de uma sociedade que se quer livre de preconceitos e de opressão. Teresa de Lauretis<sup>1</sup> já apontava para a importância da linguagem na constituição do lugar social:

O sistema do sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade.

Para Lauretis, “gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação”.<sup>2</sup>

Se somos as histórias que nos contam, como sustenta Rosemary Hennessy,<sup>3</sup> então precisamos contar outras histórias, revisar as relações entre o percebido e o narrado, relações essas que, para Ella Shohat,<sup>4</sup> são extremamente problemáticas:

Dizer que o ‘real’ é mediado tem sérias implicações para o modo como analisamos as representações. Se é verdade que nada escapa da mediação das representações, também é verdade que as representações têm um impacto no mundo – em nossas identidades projetadas, em nossas identificações sociais e

<sup>1</sup> Teresa de LAURETIS, 1994, p. 212.

<sup>2</sup> LAURETIS, 1994, p. 212.

<sup>3</sup> Rosemary HENNESSY, 1993, p. 137.

<sup>4</sup> Ella SHOCHAT, 2001, p. 156.

filiações culturais. [...] O imaginário é muito real e o real é imaginado. Precisamos constantemente negociar a relação entre o material e sua narrativização.

Podemos observar, por outro lado, que o materialismo discursivo, preconizado no início da década de 1990 como veículo ideológico que circula nas narrativas culturais, ganha contornos mais claros nas décadas posteriores com as teorias de Butler sobre a importância da performatividade nas construções de gênero, especialmente no contexto dos feminismos contemporâneos, com suas interseções com outras categorias de opressão (raça/etnia, classe, nacionalidade e sexualidade, entre outras).

<sup>5</sup> Clare HEMMINGS, 2009.

Vale aqui mencionar Clare Hemmings,<sup>5</sup> que, em seu artigo “Telling feminist stories”, publicado pela *Feminist Theory*, em inglês, e pela REF (2009), em português, revisita textos representativos para a consolidação das teorias feministas vigentes na contemporaneidade. O que a autora questiona é exatamente a consolidação de apenas algumas vozes, exaustivamente citadas pela própria crítica feminista, como representantes de determinado período do feminismo teórico e que, dessa forma, aparentemente assumem lugar central, estagnado e não dialógico com outras vozes menos consolidadas. Hemmings defende um olhar retroativo sobre o feminismo que busque não apenas uma releitura do que permaneceu, mas uma real revisão da estruturação dos debates feministas, que ainda carrega inúmeras propostas não desenvolvidas, como sementes que ainda podem brotar ou que brotaram sem reconhecimento. Defende, nesse sentido, um realinhamento dos debates que vêm sendo desenvolvidos nas esferas feministas desde o século passado, de forma a (re)imaginar o legado que permanece e o que se descobrirá no início deste novo século.

Nesse sentido, contar outras histórias sobre o feminismo recente implica escapar de hegemonias excessivamente consolidadas, inclusive feministas. A defesa de que ainda se faz necessária uma discussão retroativa, não linear, que coloque em diálogo diferentes perspectivas teóricas dos feminismos recentes, também implica um olhar para além das disciplinas e de seus embasamentos seguros e estabelecidos. Portanto, nos parece fundamental discutir **representação e mulher, palavra e imagem, corpo e gênero**, por um viés obviamente ideológico, mas que não se limite por rígidas fronteiras disciplinares. Os artigos aqui reunidos compartilham essas preocupações, uma vez que, a partir de perspectivas diferenciadas, mas que se somam, examinam as imagens da mulher e as relações entre feminino e masculino que circulam nas artes visuais, na literatura e na mídia, apontando para continuidades e descontinuidades, sublinhando e questionando o impacto ideológico das representações.

O texto “(Re)presentar: contribuições das teorias feministas à noção da representação”, de Eduardo Ramalho Rabenhorst e Raquel Peixoto do Amaral Camargo, abre esta seção de artigos temáticos, trazendo à tona a discussão sobre processos de representação ao longo da história cultural, centrando especificamente em visões de teóricas feministas. O ato de representar é problematizado a partir do pensar as relações sujeito/objeto sob óticas pós-estruturalistas, que se dispõem a verificar quais sujeitos, de fato, desejam e aceitam ser discutidos e representados pelos discursos feministas contemporâneos. O texto volta-se à representação social, política e estética, sendo discutida, em cada uma dessas esferas, relevante bibliografia sobre representação e mulher. Por meio da contraposição e justaposição de diversas vozes teóricas, esse artigo consegue destacar, ao final, que a imagem necessariamente marca a noção de representação. É a partir dos lugares em que essas imagens são construídas e desconstruídas que os sujeitos se articulam e se desconstróem em relação a várias marcas, entre as quais, as de gênero. Dessa forma, esse artigo inicial, a partir da discussão que desenvolve, nos conduz a outros eixos pelos quais circula o debate.

Discutindo a relação existente entre **corpos de mulheres e arte**, seguem três artigos sobre as artes visuais. Em “La construcción cultural de la identidad femenina: la iconografía del cuerpo como propuesta artística desde la sociología del género”, Roxana Sosa Sánchez focaliza as artes plásticas, principalmente a produção de mulheres artistas do século XX, com ênfase nas décadas de 1960 e 1970. Partindo das vanguardas do início do século passado, aponta a inegável exclusão de inúmeras artistas dos movimentos daquela época, ressaltando, assim, a ainda necessária retomada dessa história, tarefa de resgate que já está em andamento há algumas décadas. A partir dessa retomada, defende que ideologias que excluam a representação de corpos femininos por mulheres artistas podem ser, de fato, desestabilizadas. A análise de obras de uma variada gama de artistas, entre elas Yoko Ono e a brasileira Lygia Clark, demonstra como as mulheres artistas tomam consciência de sua história e decidem fazer da identidade o tema de suas produções, recorrendo a novas formas de representar o corpo, tanto físico quanto psíquico. Por meio da valorização de linguagens híbridas e da cultura da diferença, conseguem destruir as ideologias convencionais e construir uma narração alternativa, a da história das mulheres.

O texto de Rui Pedro Fonseca, “Condições de produção dos feminismos artísticos em Portugal”, define-se como “um estudo representativo dos feminismos artísticos praticados em Portugal”, enfocando a história das artes naquele país, princi-

palmente ao longo do século XX e com especial interesse pela produção de mulheres artistas. A partir de exaustivo levantamento realizado *on-line*, conclui que a história da arte moderna e contemporânea em Portugal torna-se visível como uma história de homens, tendo sido pouco consagrada a produção de mulheres artistas. O principal fator para essa quase invisibilidade das artistas está nos pressupostos de galeristas, investidores, críticos e, conseqüentemente, da mídia em geral, embasados ainda em valores androcêntricos e em relações desiguais de poder econômico.

Em “Alegorías de distinción y presagios de exclusión social en imágenes de mujeres”, Gisela Paola Kaczan apresenta aproximações importantes entre os estudos de gênero e os que se voltam à cultura visual. O recorte do trabalho parte do levantamento de revistas ilustradas argentinas, publicadas a partir de 1920, reconhecendo uma forma de apresentação dos corpos de mulheres que implica um imediato reconhecimento social, obviamente aqui lido por uma ótica feminista. Argumentando que o significado das representações não se paralisa no tempo, a autora busca revelar a presença latente das ideologias de produção, o que permite subverter conceitos herdados e construir interpretações contra-hegemônicas e críticas.

No campo que dialoga com o **fazer literário**, em que também são discutidas as **(re)apresentações do gênero**, Rodolfo Piskorski traz, em seu artigo “Círculos viciosos: interseções de gênero e espécie em *A fonte da vida*, de Darren Aronofsky”, importante contribuição para os encontros, ou interseções, entre discussões sobre gênero e identidade, através de uma problematização sobre a ideia de “espécie”, a partir da discussão e análise do romance e de sua versão fílmica. Argumentando que discursos de diferença de gênero acabam por produzir e depender de outros discursos opressivos, como o especismo, o colonialismo, o racismo e o heterossexismo, ilustra o potencial da Teoria Interseccional para uma leitura crítica textual, uma vez que oferece a possibilidade de identificar como as ideologias de diferenças se constituem e se reforçam mutuamente.

Nessa mesma esfera do literário, Gema Lasarte, em “Gioconda Belli, un universo de mujeres”, parte da análise de três personagens femininas da escritora nicaraguense, a fim de averiguar o diálogo entre obra e experiência vivida através da memória autobiográfica. Destacando esse gênero narrativo como forma de enfrentar o “exílio” literário feminino, demonstra como as protagonistas de Belli anulam certos estereótipos criados pela literatura androcêntrica e propõem uma nova representação da mulher.

Também enfocando a produção literária feminina, em “Júlia Lopes de Almeida teatróloga: apontamentos sobre a

peça inédita 'O caminho do bem'", Michele Asmar Fanini apresenta e discute a peça inédita da autora como forma de contribuir para o preenchimento de lacunas tanto na historiografia literária quanto na história social brasileira. Ao examinar as dimensões cênicas da peça, por exemplo, resalta o recurso empregado por Júlia Lopes de Almeida para caracterizar, por meio de aspectos materiais, o ambiente social e as relações de gênero de sua época.

Já o artigo de Anselmo Peres Alós, "Sexualidades marginais nas bordas do texto: cinema, política e performatividade de gênero em 'El beso de la mujer araña'", demarca um território fronteiro de produção, no qual texto literário e fílmico se entrelaçam, trazendo à tona as ambivalentes relações entre cinema, política e performatividade de gênero. O questionamento de preceitos heteronormativos, no contexto latino-americano, é aqui destacado a partir de detalhada análise de elementos narrativos que compõem o romance e o filme, interessando principalmente quem narra, a partir de que lugar e qual é o enfoque que se apresenta e que problematiza a visão heteronormativa.

No campo dos debates sobre visibilidade e embates políticos, apresentamos o texto "El poder del testimonio, experiencias de mujeres", de Rosana Paula Rodríguez, que examina as relações entre a experiência corporal das mulheres e o testemunho, destacando os vínculos entre corpo e palavra, com o corpo das mulheres visto como um território de combate e enfrentamento. A dimensão ética do uso da palavra também é discutida, aqui, como uma contraposição à lei patriarcal. O argumento central é o de que, ao relatarmos experiências corporais, as palavras das mulheres nomeiam uma dimensão fundamental de sua diferença sexual, produzindo um deslocamento na pressuposta neutralidade da linguagem e abrindo espaço para enunciar o inominável.

Em "Guerrilheiras da palavra: as mulheres no rádio em Timor-Leste", Maria Inês Amarante dá destaque ao papel do rádio naquele país no período pós-independência, bem como ao protagonismo das mulheres comunicadoras, que assumem fundamental papel social a partir desse lugar de fala e comunicação – uma guerrilha em outros termos e tempos. A atuação dessas comunicadoras como agentes de transformação social é vista como uma importante fonte de mediação entre o lar e a vida profissional, contribuindo para com a construção cultural da identidade de gênero no espaço público.

No artigo "Hermenêutica negra feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6", Cleusa Caldeira destaca novas possíveis leituras do trecho bíblico, privilegiando a experiência da mulher negra, marcada pelo sexismo, racismo e classismo. A intenção da autora é resgatar

o Cântico dos Cânticos de sua unilateral interpretação ocidental, para além da lógica do eurocentrismo. Buscando reconstruir a presença negra feminina no mundo bíblico, revisita uma história interpretativa racializada e propõe uma interpretação que faça da mulher negra protagonista e intérprete de sua própria história.

Fechando esse conjunto de artigos temáticos com foco nas representações ideológicas de gênero, em “Réquiem para dois pássaros de gelo: a coreografia da exclusão na patinação artística soviética e a construção da potência esportiva mundial”, Diego Santos Vieira de Jesus discute a história de um esporte específico, ou seja, a patinação no gelo, a partir de um enfoque no qual questões de gênero e sexualidade servem de categoria de análise, verificando de que forma os discursos sobre tais práticas físicas estão atrelados a outras práticas discursivas, sociais, políticas e ideológicas, formando uma rede de poder.

Por fim, queremos manter vivas as palavras de Nancy Fraser<sup>6</sup> sobre o conceito de **representação**: “representação não é apenas assegurar voz política igual a mulheres em comunidades políticas já constituídas. Ao lado disso, é necessário reenquadrar as disputas sobre justiça que não podem ser propriamente contidas nos regimes estabelecidos.” Para a autora, a justiça de gênero depende de redistribuição, reconhecimento e representação integrados de forma equilibrada, ou seja, de reorganizações nas distribuições de poder, atreladas aos processos de representação. Acreditamos que os 12 textos aqui reunidos colaboram com essa agenda, trazendo vozes que tratam das artes em seu sentido mais amplo, das literaturas e do poder atrelado à enunciação.

<sup>6</sup> Nancy FRASER, 2007, p. 305.

## Referências

- DE LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do gênero.” In: HOLLANDA, Heloísa Helena Oliveira Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- FRASER, Nancy. “Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação.” *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 2, p. 291-308, 2007.
- HEMMINGS, Clare. “Contando estórias feministas.” *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 1, p. 215-241, 2009.
- HENNESSY, Rosemary. *Materialist feminism and the politics of discourse*. Nova Iorque: Routledge, 1993.
- SHOHAT, Ella. “Feminismo fora do centro: entrevista a Sônia Weidner Maluf e Claudia de Lima Costa.” *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 147-163, 2001.